



ORIENTE MÉDIO

Israel remove as tropas de Khan Yunis, mas descarta ligação com pressão dos EUA. Netanyahu revela que manobra visa preparar invasão a Rafah. Seis meses depois do massacre, familiares de reféns do Hamas pressionam o governo



Soldados israelenses visitam memorial no local da festa rave atacada pelo Hamas, no kibbutz Re'im

Dezenas de carros carbonizados em estacionamento, durante o massacre de 7 de outubro, no sul de Israel

Parentes de reféns protestam contra Netanyahu, em frente ao Knesset (Parlamento), em Jerusalém

Mulheres palestinas choram enquanto os corpos de familiares são retirados de prédio, em Rafah

Retirada estratégica

» RODRIGO CRAVEIRO

A decisão das Forças de Defesa de Israel (IDF) de retirar suas tropas de Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza, ocorreu exatamente seis meses depois do massacre de 7 de outubro cometido pelo grupo extremista Hamas — mais de 1,1 mil israelenses morreram no atentado que deflagrou a guerra. O Ministério da Defesa anunciou que a medida teria sido estratégica: uma forma de reagrupar os soldados e de preparar as próximas missões, o que incluiria uma invasão massiva à cidade de Rafah, onde 1,5 milhão de palestinos estão refugiados. O premiê Benjamin Netanyahu assegurou que está “a um passo da vitória” e reafirmou a determinação de eliminar o movimento fundamentalista de toda a Faixa de Gaza, cuja capacidade operacional teria sido desmantelada. “A 98ª Divisão das IDF concluiu sua missão em Khan Yunis. Ela deixou a Faixa de Gaza para se recuperar e se preparar para futuras operações”, explicou ao **Correio** o major Rafael Rozenszajn, porta-voz das IDF. Ele confirmou que uma força significativa, liderada pela 162ª Divisão e pela Brigada Nahal, seguirá operando na Faixa de Gaza, preservando a capacidade do exército de conduzir operações precisas baseadas em informações de inteligência.

Palestinos que se abrigavam em Rafah começaram a retornar para Khan Yunis, sem saber o que encontrarão. Pelo caminho, o cenário era de destruição quase total. Segundo dados do Ministério da Saúde de Gaza, órgão controlado pelo Hamas, a guerra deixou mais de 33 mil palestinos mortos, incluindo 14.500 crianças e 9.560 mulheres. Os números não podem ser confirmados de forma independente.

Raeed Shakshak, 26 anos, desempregado, viveu sob uma tenda, em Rafah, por quatro meses, depois que parte de sua casa em Khan Yunis foi destruída. Na última quarta-feira, viajou para o Cairo. “Não podemos confiar nas forças de ocupação israelense. Elas se preparam para algo catastrófico, como invadir Rafah ou o centro da Faixa de Gaza”, desabafou à reportagem, por meio do Twitter. Segundo Raeed, Khan Yunis está inabitável, e os palestinos apenas retornam à cidade para verificar o que restou.



Palestinos caminham por entre prédios destruídos durante a chegada a Khan Yunis, depois do recuo tático das tropas de Israel

“Teremos que esperar e ver o rumo das coisas. Se o genocídio continuará após seis meses ou se a pressão dos EUA resultará em um cessar-fogo.”

No dia em que o conflito entrava no sétimo mês, milhares de israelenses intensificaram a pressão sobre Netanyahu e protestaram diante do Knesset, o prédio do Parlamento, em Jerusalém. “Vivos e vivos e não em caixões!”, “Todos livres agora, um acordo agora!” e “Liberthem os reféns!”, gritavam. Agam Goldstein, 17 anos, uma das reféns libertadas pelo Hamas, subiu ao palco e fez um apelo para aqueles que continuam em poder dos extremistas, em Gaza. “Para vocês que ainda estão lá, resistam”, disse.

Futuro

O **Correio** conversou com especialistas sobre o futuro das relações israelo-palestinas e as perspectivas de um acordo de paz que leve a uma solução baseada em dois Estados. O israelense Barak Medina, professor de direito na

Universidade Hebraica de Jerusalém, explicou que é preciso fazer uma avaliação a curto e a longo prazos. “No curto prazo, os dois lados estão com raiva, medo e desconfiança, e indispostos a uma conversa. Para o longo prazo, em dois ou três anos, ambos podem perceber que estão fracos demais para manter o ciclo de violência e mostrar uma vontade de costurar um compromisso.”

Barak crê que levará tempo para a superação do trauma. “Existe uma ruptura. A maioria dos palestinos não deseja combater ao lado do Hamas, mas expressa apoio às políticas (do grupo). A maioria dos israelenses não confia nos palestinos e se sente traída pelo mundo liberal. Será preciso uma abordagem mais matizada. A ideia de boicotar Israel e atribuir-lhe toda a culpa não é apenas moralmente errada, mas também contraproducente”, observou. A construção de um futuro melhor, na opinião dele, passa pelo reconhecimento de princípios de ambos os lados, em relação ao direito de cada povo ter o seu Estado.

Para o libanês Habib Malik, professor aposentado de história da Universidade Libanesa Americana (em Beirute), após o horror de 7 de outubro, todo e qualquer diálogo sobre uma solução baseada em dois Estados está “morta”. “Francamente, não se recompensa terroristas dando-lhes um Estado. Também não se deve compensar o terror negociando os reféns. Israel permitiu que essa dolorosa tragédia prejudicasse as suas operações e prolongasse a guerra”, disse. “Por mais brutal que possa parecer, reféns civis são danos colaterais em uma situação de guerra. As prioridades de segurança nacional devem se sobrepor a quaisquer outras considerações.”

Professor de estudos israelenses na Universidade de Maryland, Ilai Saltzman concorda que o 7 de outubro foi um grande golpe para uma resolução pacífica do conflito. “Se muitos em Israel e nos territórios palestinos estavam céticos, o ataque do Hamas e a resposta israelense reduziram o apoio a uma solução baseada em dois Estados.”

DUAS PERGUNTAS PARA

Arquivo pessoal



BASEM NAIM, CHEFE DO DEPARTAMENTO POLÍTICO DO HAMAS NA FAIXA DE GAZA

Por que é tão difícil chegar a um cessar-fogo na Faixa de Gaza?

O principal obstáculo para chegarmos a um acordo de cessar-fogo é Benjamin Netanyahu e seu grupo de direita. Netanyahu não planeja alcançar um cessar-fogo, pois sabe que, no dia seguinte à trégua, haverá comitês de investigação e ele poderá ir para a prisão. A carreira política dele acabaria. Por isso, ele usa as negociações para prolongar a guerra contra Gaza. Apelamos por um cessar-fogo completo e sustentável, pela retirada total das forças israelenses e pelo retorno das pessoas que foram expulsas de suas casas e vilarejos depois de 7 de outubro. Também pedimos uma grande operação de socorro e de reconstrução da Faixa de Gaza. Ao mesmo tempo, o engajamento em um acordo tácito para a troca de prisioneiros. Se isso não ocorrer, não há como chegarmos a um cessar-fogo.

Em um cenário pós-guerra, o Hamas aceitaria não exercer qualquer influência sobre o governo palestino e sobre Gaza?

O dia seguinte à guerra tem que ser um dia dos palestinos. O povo palestino é maduro o bastante para decidir por si mesmo, para escolher sua liderança e sua agenda política. Isso tem que ser decidido por meio de consenso, de referendo ou de eleições. O Hamas é parte do tecido social e político palestino. (RC)

TENSÃO DIPLOMÁTICA

México levará Equador à Justiça internacional

O México denunciará o Equador, hoje, perante a Corte Internacional de Justiça (CIJ) pela invasão policial à sua embaixada em Quito para deter o ex-vice-presidente equatoriano Jorge Glas. A chanceler mexicana, Alicia Bárcena, fez o anúncio em uma conferência de imprensa no aeroporto da Cidade do México, onde recebeu os diplomatas de seu país que deixaram o Equador após a ruptura de relações com o governo de Daniel Noboa.

A partir de amanhã (hoje), estamos indo à CIJ onde estamos apresentando esse triste caso. Acreditamos que podemos vencê-lo rapidamente”, disse Bárcena. O objetivo do México é que a CIJ “ordene ao Estado do Equador que repare o dano”, acrescentou.

A escalada diplomática entre os dois países atingiu o ápice na noite de sexta-feira, quando policiais equatorianos invadiram a embaixada mexicana em Quito para capturar Glas, acusado de corrupção e refúgio lá desde dezembro alegando perseguição política.

Horas antes, o ex-vice-presidente de 54 anos havia recebido asilo político. Após a invasão, o presidente mexicano, Andrés Manuel López Obrador, declarou, na mesma noite de sexta-feira, a imediata ruptura de relações com Quito.

A invasão policial à embaixada, sem precedentes na história recente, foi condenada por diversos países das Américas, Espanha e União Europeia, bem como por organismos como a ONU e a Organização dos Estados Americanos.

A Nicarágua emulou o México e rompeu relações com o Equador no sábado, acusando-o de não ter respeitado “a inviolabilidade” das instalações diplomáticas. Ontem, o presidente da Bolívia, Luis Arce, anunciou que convocou sua embaixadora no Equador, Segunda Flores.

Retorno

“Condenamos veementemente essa violenta invasão”, reiterou Bárcena no aeroporto, acompanhada pela embaixadora Raquel Serur e pelo chefe de missão, Roberto Canseco, que apareceu com um colar cervical após sofrer uma “agressão física” pelas mãos da polícia.

O diplomata, que tentou impedir a invasão, enfatizou a necessidade de punir o ocorrido. Assim, “desencorajamos que, no futuro, essas ações sejam tomadas”, disse. A embaixadora, que se emocionou, disse que “o atropelamento é de tal magnitude” que o presidente Daniel Noboa não pode “dimensionar” o que fez ao “nobre” povo do Equador.

Polícia do Equador/AFP



O ex-vice-presidente Jorge Glas é escortado ao chegar à prisão de La Roca, em Guayaquil